

## A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO SUPERAÇÃO FRENTE Á INFORMALIDADE: A EXPERIÊNCIA DA FEIRA VIRTUAL DE PELOTAS/RS

**THIAGO BELLOTTO ROSA<sup>1</sup>; ANTÔNIO CARLOS MARTINS DA CRUZ<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> UFPel – thiago.br@live.com

<sup>2</sup> UFPel – antoniocruz@uol.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

O seguinte projeto apresenta uma análise do projeto desenvolvido pela incubadora TECSOL em conjunto com a Associação Bem-da-terra, abordando o aspecto da informalidade econômica. O projeto, popularmente nomeado como “Feira Virtual”, teve início em novembro de 2014, e conta com empreendimentos ligados à economia solidária. Dentre estes, grande parte é formada por trabalhadores que vivem em Pelotas e região, e que encontram-se às margens da informalidade. Sendo esta, a combinação entre baixa renda, contraposição ao assalariamento, pequena produtividade, baixo nível produtivo e más condições de trabalho (FORBES, 1989).

E parte dos produtores que atualmente fornecem seus produtos para a feira, não têm sua renda oriunda apenas desta atividade. Mas é certo que fazem parte do setor ‘informal’ da economia. As atividades desenvolvidas no em tal setor cumprem um papel social e econômico que é o de ocupar os trabalhadores desqualificados e que vivem em uma situação de pobreza e de desemprego.

Ao ingressarem na informalidade, os trabalhadores ficam excluídos da possibilidade de usufruírem direitos trabalhistas como aposentadoria, seguro-desemprego, etc., reservados aos trabalhadores legalizados e que contribuem com o pagamento de impostos e tributos.

Como afirma GONÇALVES (2002):

Durante um longo tempo, havia uma dicotomia na economia e na ocupação da força de trabalho dividida entre setor formal x setor informal. Tal concepção separava então duas formas de produzir e de organizar a economia, uma baseada em relações de trabalho não assalariadas, trabalho familiar e pequena produção geralmente associada à produção de subsistência, que seria o setor informal. O seu inverso seria o circuito com uma produção voltada ao mercado capitalista moderno, de grandes investimentos e lugar de utilização da mão de obra assalariada, adestrada tecnicamente para o trabalho organizado.

Já a economia Solidária, segundo SINGER (2002) corresponde à organização de produtores, prestadores de serviço, consumidores, poupadore e credores, entre outros, que se relacionam baseados nos princípios democráticos e igualitários da auto-gestão, horizontalidade, autonomia e solidariedade. E é através destes conceitos que foram desenvolvidos os pilares da feira virtual. Que hoje, já conta com mais de 150 consumidores efetivos, e uma tríade consumidor-produtor-incubadora. Segundo CRUZ (2006, p. 74), é preciso afastar a ideia de que a economia solidária faça parte do setor informal apenas. A grande maioria das iniciativas de economia solidária, pelo contrário, tem buscado e tem conseguido sair da informalidade em busca de melhores condições de sobrevivência, tanto para o empreendimento quanto para os próprios trabalhadores.

Segundo o Fórum Brasileiro de Economia Solidária, esta pode ser dividida em três dimensões: econômica (uma forma de produção, oferta de serviços, comercialização, finanças ou consumo baseado na democracia e na cooperação,

o que chamamos de autogestão), cultural – uma maneira de consumir produtos locais, saudáveis, que não afetem o meio ambiente, que não tenham transgênicos e nem beneficiem grandes empresas, mudando o paradigma da competição para o da cooperação de inteligência coletiva, livre e partilhada – e política, “sendo um movimento social, que luta pela mudança da sociedade, por uma forma diferente de desenvolvimento a partir dos valores da solidariedade, da democracia, da cooperação, da preservação ambiental e dos direitos humanos”.

Assim, é possível evidenciar o caráter positivo da economia solidária na melhora da qualidade de vida dos produtores, a partir do momento em que a Feira Virtual passou a vigorar.

## 2. METODOLOGIA

Quanto à sua metodologia, a Feira Virtual tem seu funcionamento dividido em ciclos semanais de fornecimento (produção) e demanda (consumo), sendo organizados on-line através da plataforma 'Cirandas.net', que é proveniente e gerida pelo FBES e que tem como objetivo, “fortalecer o movimento de Economia Solidária, mobilizando sua organização através dos fóruns e promovendo práticas de desenvolvimento sustentável, justo e solidário”.

Cada semana, o processo é iniciado na segunda-feira, com uma prévia consulta aos produtores. Durante a semana, os consumidores podem acessar a plataforma para que possam efetuar seus pedidos. É de grande importância citar que os consumidores sejam todos cadastrados previamente, e organizados em núcleos de consumo, e que tais núcleos desempenham papéis importantes no andamento da Feira. No encerramento virtual dos ciclos, a demanda de cada produto é repassada aos produtores que então organizam-se para realizar o recolhimento. Tendo como fim este processo, no sábado, em que unem-se produtores e consumidores na retirada destes produtos. Devido ao fato de funcionar através de uma encomenda prévia dos produtos, esta otimiza o tempo e diminui o desperdício, pois só as quantidades demandadas é que são transportadas, armazenadas e vendidas

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, é visível o desenvolvimento financeiro dos produtores que estão integrados à feira. Alguns a têm como sua principal fonte de renda, o que é muito representativo, diante de alguém que em geral, passa grande parte de sua vida na informalidade.

Visto através de um gráfico (Figura 1), na qual indica-se o valor total repassado ao produtor, é notável uma tendência de crescimento. Isso pode ser visualizado através de uma linha de tendência linear, a qual está no gráfico abaixo.

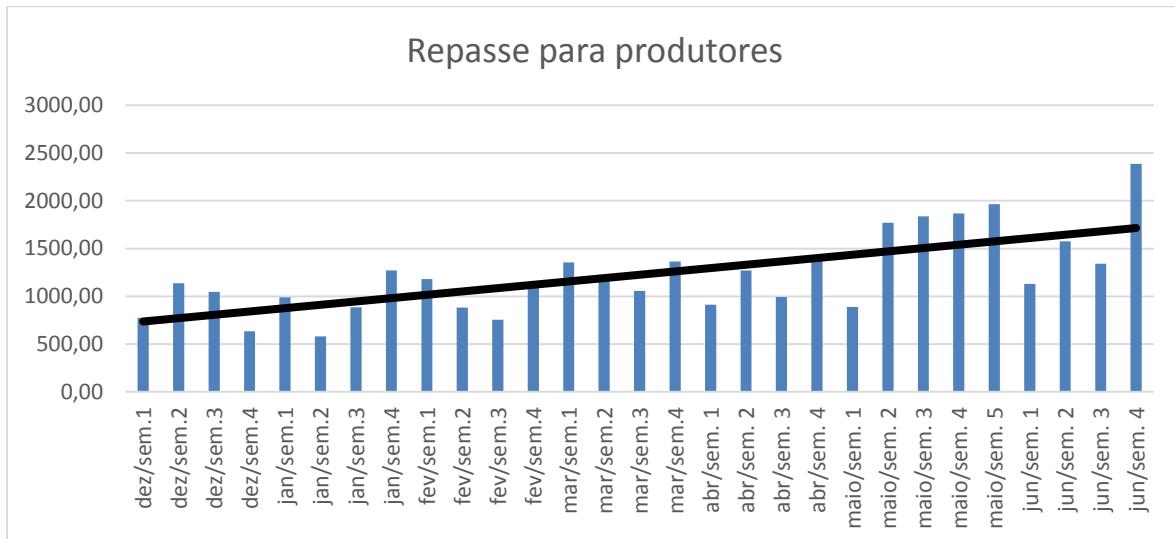


Figura 1.

É importante citar, que isto não apenas demonstra o aumento da renda média por produtor, mas também deixa claro a evolução da feira como experiência de economia solidária. Caso a inclinação da linha se altere, aumentando ainda mais as futuras previsões, isto certamente indicará também uma melhora na qualidade de vida do produtor.

#### 4. CONCLUSÕES

A experiência da Feira Virtual é uma iniciativa pioneira, na qual se pode testemunhar casos relativamente parecidos, mas que distinguem-se em alguns momentos. Sua criação ainda está aliada a diversos desafios que devem ser vencidos, e que têm em sua tendência seguir fomentando o consumo de produtos locais na região de Pelotas/RS. Assim, ajudando muitos produtores que envolvem-se diretamente com a feira. Essa participação em conjunto com a economia solidária certamente será positiva no intuito de uma transição da já conhecida informalidade.

É importante ressaltar que, apesar de teoricamente estes trabalhadores não estarem fora da informalidade, sua qualidade de vida e, mais ainda, suas percepções acerca de seus trabalhos estão compreendidas de uma nova forma. A integração promovida pelos propósitos da feira, em conjunto com a semanal verificação de produtos, ofertas e etc, pode ser interpretada como uma nova forma de trabalho.

É importante conceituar o trabalho: este pode ser dito como o esforço humano com um objetivo específico, envolvendo a transformação da natureza por meio do esforço físico e mental. Já o emprego é um conceito que surgiu na revolução industrial, e é um mediador entre o homem que vende sua força de trabalho, com o que a compra, pagando nesta troca, um valor monetário.

Hoje em dia, quem procura um trabalho, e não um emprego segue uma tendência na qual o indivíduo não se prende tanto ao nível de remuneração, mas sim, ao crescimento e aprendizado. Quem procura por um trabalho é pró ativo, criativo, determinado, persistente e voltado para a coletividade. Emprego refere-se à relação de trabalho entre as forças que detêm os meios de produção, empregando os serviços de forças de produção – dentro de um contexto social,

histórico, e econômico, com uma instituição e um ordenamento jurídico que mediam esta relação.

Logo, ao mesmo tempo que a Feira se desenvolve, esta leva consigo suas qualidades, e o legado que ela tende a deixar: melhor qualidade de vida aos produtores, consumidores mais conscientes e mais produtos locais.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**SINGER, P. Introdução à Economia Solidária.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

**FORBES, D.K. O emprego e o setor informal. In: Uma visão crítica da geografia do subdesenvolvimento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 288-296.

**CRUZ, A.C.M. A DIFERENÇA DA IGUALDADE: A DINÂMICA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA EM QUATRO CIDADES DO MERCOSUL.** 2006. Tese (Doutorado em economia aplicada) – Curso de Pós-graduação em economia, Universidade Estadual de Campinas.

**Plataforma Cirandas.** Acessado em 15 jul. 2015. Online. Disponível em: <http://cirandas.net/fbes/o-que-e-economia-solidaria>

**UNESP. INFORMALIDADE E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO: UMA CONTRIBUIÇÃO A GEOGRAFIA DO TRABALHO.** Acessado em 10 jul. 2015. Online. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-31.htm>